

## **Entre lideranças e “caras tapadas”:** a grande imprensa contra o anonimato dos manifestantes<sup>1</sup>

*Carlos Henrique Pinheiro*<sup>2</sup>

---

1 A primeira versão deste texto foi apresentada no seminário A visibilidade dos anônimos, promovido pelo Grupo de Pesquisa Mídia e Narrativa, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG), em Belo Horizonte, nos dias 06 e 07 de novembro de 2013.

2 Mestrando no Programa de Pós Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG). [caiquepin@gmail.com](mailto:caiquepin@gmail.com).

**Resumo**

Este artigo busca refletir sobre o discurso midiático que atribui a função de liderança a alguns manifestantes nos movimentos de junho de 2013, em oposição ao discurso do próprio movimento, que diz de sua horizontalidade e ausência de líderes. Para Raymond Williams (2007), o conceito de massa possui duas conotações: designa modernamente a multidão, “baixa, ignorante, instável”, e descreve as mesmas pessoas, mas vistas como uma força social positiva. Ao tratar as manifestações como um movimento de massas, de maneira negativa, e ao outorgar liderança a alguns escolhidos, a mídia tradicional atualiza o medo da multidão, expresso no pensamento moderno, como veremos com Coli (2010) e Torres (2013).

**Palavras-chave**

Mídia, anonimato, massa, manifestações.

**Abstract**

This paper reflects on the mediatic speech that assigns a leadership function to a few protesters integrating the demonstrations of June 2013, as opposed to the movement’s speech, which assumes horizontality and absence of leadership. For Raymond Williams (2007), the concept of mass has two meanings: it denominates, modernly, the crowd, “low, ignorant, unstable”, and the same people, but seen as a positive social force. Understanding the protests as a mass movement, pejoratively, and granting leadership to a few chosen ones, traditional media updates the fear of the crowd, expressed on modern thinking, as seen with J. Coli (2010) and E. Torres (2013).

**Keywords**

Media, anonymity, mass, protests.

Em junho de 2013, brasileiros foram às ruas em protesto, chamando atenção para diversas bandeiras – por melhores condições no transporte, na saúde, na educação e na segurança pública, contra a corrupção de maneira ampla, por respeito à diversidade sexual, pela reforma no sistema político, contra o dinheiro da União empregado no preparo para a Copa do Mundo de Futebol, em 2014, que não convidava os moradores do país – “Copa para quem?”, perguntaram. A diversidade das causas em questão e a amplitude das manifestações configuraram o mais recente movimento de massa do Brasil. Milhões de pessoas, centenas de cidades, um sem número de motivações.

Os protestos evidenciaram uma crise geral das instituições representativas. Um grito recorrente, “sem partido”, demonstrou a rejeição dos manifestantes em relação àqueles que buscavam associar o movimento das ruas aos lugares de representação que ainda nos servem politicamente<sup>3</sup>. Os manifestantes não seguem líderes – são autônomos, se embaralham uns nos outros, não têm rosto, buscam o anonimato. Um fanzine<sup>4</sup> que circulou à época das manifestações alerta:

O uso de máscaras em protestos surge da necessidade de segurança frente à coerção policial. Os rostos expostos em manifestações públicas favorecem a repressão, facilitando a perseguição daqueles que se colocam em oposição à sociedade desigual em que vivemos. As máscaras preservam sua identidade, pois os policiais têm tirado fotos e vídeos para seguir os manifestantes mesmo após os protestos. Além disso, o anonimato garante que todas as pessoas participem de forma igual, sem estrelismo, e demonstra a força da ação coletiva autônoma. Sem rostos, sem líderes (QUE AS IDEIAS voltem a ser perigosas, 2013, p.4).

O discurso de parte do jornalismo de referência, por sua vez, denota empenho na separação dos manifestantes, entre pacíficos (em passeata, ordeiros) e vândalos, esses mascarados, que desvirtuam os protestos, sem rumo e sem

---

3 Pesquisa realizada pelo Ibope indicou, em junho de 2013, que 89% dos manifestantes não se sentem representados por um político ou partido brasileiro; 86% não eram filiados a sindicatos ou entidades estudantis; 96% não tinham filiação partidária.

4 “Que as ideias voltem a ser perigosas #1” foi produzido em Recife, mas o encontramos na primeira ocupação da Câmara Municipal de Belo Horizonte, entre 29 de junho e 07 de julho. Nele há, também, orientações sobre como produzir máscaras em larga escala e a baixo custo, com pratinhos de plástico, elástico e tesoura.

causas justas. Além disso, cobrou por líderes, fontes autorizadas pela multidão, gente com quem se possa negociar, e chegou mesmo a alçar algumas pessoas a esse posto. Aqui, abordo duas matérias que trataram manifestantes como líderes, publicadas em veículos diferentes e ainda no calor dos protestos.

Em “Rosto público do MPL, Mayara Vivian abraça a causa e evita fama pessoal”, publicada no dia 27 de junho, no portal G1, buscou-se traçar um perfil da estudante que, à época, concedeu parte das entrevistas em nome do Movimento Passe Livre (MPL). Na matéria, parece haver, para além disso, uma tentativa de qualificar Mayara como uma representante maior do MPL e das manifestações em geral, em detrimento de seus companheiros. Lê-se: “Mayara não é a única porta-voz do movimento, mas acabou emergindo entre os demais membros depois que, no dia 11 de junho, o MPL publicou na internet um pedido de reunião protocolado no Ministério Público com a assinatura e o telefone celular dela” (MORENO, 2013).

No entretítulo “Cansaço e fome”, a matéria descreve o empenho e o desgaste de Mayara para cumprir com as atividades ligadas ao MPL. Em dada ocasião, quando um repórter da TV Câmara solicitou uma exclusiva,

(...) os dois jovens que a acompanharam foram embora antes (...). A estudante de direito Nina Capello, que também faz parte do núcleo público do grupo, já havia ido embora. Outro deles, Marcelo Hotimsky, que estuda filosofia, estava na ocupação popular do Edifício Mauá, onde naquela tarde ocorria um despejo (MORENO, 2013).

E restou Mayara, que “concedeu com paciência, depois de um copo cheio de café que ela encontrou pelo caminho” (MORENO, 2013), a entrevista. Ainda em “Rosto público do MPL”, estão informadas as razões pelas quais Mayara “evita a fama pessoal”. Em consonância com o discurso dos protestos, segundo o qual o anonimato garantiria a participação igualitária dos manifestantes, sem evidenciar um ou outro, Mayara alega que “a mídia tenta personalizar o grupo e contar histórias para esvaziar o movimento” (VIVIAN apud MORENO, 2013).

Ela também procura “evitar possíveis perseguições por parte de quem não quer ver as reivindicações do MPL saírem do papel e processos criminais, que

o grupo teme sofrer depois que a opinião pública diminuir a atenção ao tema” (MORENO, 2013). Suas alegações, entretanto, não influenciaram a forma do texto, que busca diversas entradas na vida pessoal da personagem, embora “a jovem de 23 anos não pose para fotos e se recuse a revelar dados como o bairro onde vive, a profissão de seus pais, como ela entrou no grupo ou o motivo de ter ingressado no curso de história em 2007 e transferido para o de geografia dois anos depois” (MORENO, 2013), denotando, dessa maneira, o empenho da revista em tratar sua fonte como uma personagem identificável, personalíssima, embora ela mesma se considere “uma menina normal como qualquer menina normal”.

*Veja*, em sua primeira publicação de julho, trouxe nas páginas amarelas uma entrevista com Maycon Freitas, “A voz que emergiu das ruas”. Conforme a revista, “o jovem que reuniu milhares de pessoas em manifestações no Rio abomina a corrupção, não confia em partidos, exige melhores serviços e diz que não vai deixar de protestar” (LEME, 2013, p.17). Maycon é uma voz que vem se destacando, e teria mobilizado seus, então, mais de oitocentos seguidores por meio da *fanpage* da União Contra a Corrupção (UCC), fundada meses antes.

O manifestante rechaça a ideia de que não haja partidos políticos, pois “isso é o mesmo que desejar a volta da ditadura” (FREITAS, 2013, p. 20) e, questionado se os atos de vandalismo estão espantando as pessoas dos protestos, ele afirma que “esses são atos isolados, liderados por bandidos que não têm nada a ver com o movimento pacífico que estamos fazendo na rua” (FREITAS, 2013, p.21). Depredar o patrimônio privado também não leva a nada, “começou a circular um boato de que iam invadir a Globo. Um absurdo” (FREITAS, 2013, p. 21). Por meio da entrevista de Maycon, é novamente reforçada a separação dos manifestantes entre pacíficos legitimados e vândalos sem propósito.

Internautas logo iniciaram postagens em diversos sites desqualificando Maycon Freitas como o líder apresentado em *Veja*. Alguns afirmam que ele trabalha como dublê na Rede Globo e rememoram mensagens, publicadas por ele, que denotam falta de sintonia com as manifestações. Ele foi chamado de “débil mental”, “irrelevante” e de “homem assustado”. Em sua defesa, Maycon

publicou, na página da UCC, link para um vídeo do programa Polícia 24h<sup>5</sup>, da Rede Bandeirantes. “Para meia dúzia que me chama de playboy e ator da Globo, e dizem que eu não estou nas ruas... que sou uma farsa, fraude. ‘Tá aí a resposta seus hipócritas, e não retiro uma palavra do que eu disse”, escreveu.

O vídeo registra o conflito da polícia com um grupo exaltado no Rio de Janeiro. Maycon aparece, com as bochechas pintadas de verde e amarelo, denunciando que aqueles que enfrentavam a polícia eram vândalos, que foram “provocar a baderna, incitar os policiais”. Lembrou, ainda, que “os vândalos vêm mascarados”.

Persistindo no combate ao anonimato dos manifestantes, *Veja*, em 21 de agosto, convidou os leitores a conhecerem “O bando dos caras tapadas”. Desenvolvendo a ambiguidade da manchete, a matéria “O bloco do quebra-quebra” buscou evidenciar a agressividade e a falta de propósito dos praticantes de *Black Bloc*, que “em algumas capitais tem transformado a baderna e a violência em uma assustadora rotina” (MEGALE; ARAGÃO, 2013, p. 74). Na semana seguinte, as investidas contra os rostos ocultos na multidão passaram pelas cartas de leitores (“Se eles cobrem o rosto é porque estão com má intenção”, “Protesto com máscaras em regime democrático é ação para covardes e bandidos”) e pelas páginas amarelas com Lobão (“Ficar quebrando coisas, francamente, é constrangedor. Ainda mais de máscara na cara”) (*Veja*, 3 jul. 2013, edição 2.328).

Cada narrativa traz seu manifestante modelo. Na capa da edição em que a entrevista de Maycon foi veiculada, um Congresso Nacional está à beira do abismo, acuado por manifestantes com diversas flâmulas, liderados por um que levanta a bandeira nacional. A chamada diz que “governos e congresso correram para atender os manifestantes. Isso mostra que a pressão popular funciona. Mas as ruas não podem substituir as instituições” (*Veja*, 3 jul. 2013, edição 2328). Assim, Maycon, dublê de atores na Rede Globo, é também um dublê da revista, a voz que emergiu de *Veja*. Mayara, por sua vez, é a liderança que, se não é exatamente pacifista, pelo menos não cobre seu rosto. Pode rejeitar as entradas em sua vida pessoal,

---

5 O vídeo, cujo link podia ser acessado pelo endereço <http://videos.band.uol.com.br/programa/noticias/policia-24h/14582139/fugindo-para-mamae.html> está atualmente indisponível.

mas isso não impede que os leitores saibam o que ela estuda, em que trabalha, do que tem abdicado para cumprir com suas funções no Movimento Passe Livre.

A abordagem da mídia tradicional em relação às manifestações e à multidão diverge de como a própria massa militante se posiciona nas ruas. De um lado, a personalização, o rastreamento de indivíduos que atuam como fontes autorizadas, e a rejeição do anonimato; de outro, a busca por uma ação coletiva e horizontal, potencializada pela dissolução das identidades na multidão. O posicionamento da imprensa, dessa maneira, atualiza conceitos sobre as massas e seu intrínseco anonimato que datam, pelo menos, do século XIX, como veremos com Jorge Coli (2010), Raymond Williams (2007) e Eduardo Cintra Torres (2013). O pensamento moderno entende que a anonimidade é um risco: sujeitos indistinguíveis tornam-se incapturáveis, logo, não podem ser punidos – são criminosos em potencial e devem ser enfrentados.

### **Anonimato e modernidade**

Para Jorge Coli (2010), em seu *Boulevard des capucines e o crime metafísico*,

o anonimato marca as relações modernas. Por meio dele é que se infiltram as transgressões, as fraudes, os crimes. Nesse mundo anônimo, talvez eu não seja quem digo que sou, e nisso encontra-se uma fonte profunda de riscos e temores. Aquela pessoa que avança em minha direção, ou pro trás de mim, pode me agredir, pode me transformar em vítima (COLI, 2012, p. 252).

Nesse texto, o autor vai à tela apresentada por Monet, em 1874, na primeira exposição dos impressionistas, em Paris, para evidenciar o caráter deletério do anonimato na modernidade segundo alguns autores. *Boulevard des Capucines* chocou a crítica oitocentista por representar os passantes como “numerosas minhoquinhas negras”, no dizer de um crítico seu. Vestidos à mesma moda, distantes do observador, as pessoas representadas na tela são indistintas.

Para Coli, “o pintor (e o crítico) viu bem: ao integrar a multidão, somos todos pequenas manchas indistintas. O indiferenciado torna-se o melhor

esconderijo. É a chance dos transgressores e criminosos. O perigo encontra-se naquele que é falsamente igual. Forçoso é distinguir cada um, para evitar as fraudes identitárias” (2012, p. 253).

Maycon Freitas, o proclamado líder que posa para a foto vestindo verde nas páginas amarelas de *Veja*, não pode ser confundido. Se há nele uma potencialidade de representação, de ser um manifestante-metonímia, ele equivale a outros manifestantes de rostos descobertos, ordeiros; ao mesmo tempo em que se projeta como um manifestante ideal – cujos passos devem ser o modelo –, ele é o sujeito identificável, “um na multidão”.

Assim, Mayara Vívian, “rosto público do MPL”, é também inconfundível porque integra o Rugbellas, time de rúgbi da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, estuda geografia e trabalha como garçoneiro. Conforme parte da imprensa de referência, assim devem ser as lideranças e as demais pessoas que se manifestem: personalíssimas. Parece haver, na imprensa de referência, uma vontade de fixar as identidades dos que são por ela abordados. Os movimentos de massa, porém, não lidam bem com as singularidades. Se perder na multidão é fácil e encontrar alguém é difícil.

Tal como Monet, Martin Handford compreendeu essa dinâmica, e em 1987 lançou uma intrigante questão: *Where’s Wally?* O viajante e seus objetos – os óculos, as conhecidas bengala e a blusa com listras brancas e vermelhas – se perdem entre outros tantos personagens e o desafio é achá-los. Edgar Allan Poe, por sua vez, com *O homem da multidão*, também demonstrou esse entendimento no conto de 1840. Nele, um personagem convalescente observa a multidão que passa em frente a um café, nas ruas de Londres. Estimulado por um desses passantes, o convalescente sai à rua e passa, então, a persegui-lo. O faz por dois dias, até a própria exaustão, quando conclui que o velho perseguido é como um livro que não pode ser lido. Na multidão, nada revela sobre si.

A tendência do singular, portanto, é esvanecer na massa, segundo o entendimento de Coli, e esta seria o lugar do anonimato. É Salvador Giner



(2013), no prefácio de *A multidão e a televisão* (TORRES, 2013), quem avança na caracterização das aglomerações compostas por sujeitos indistinguíveis – para o autor, elas têm humores próprios, geralmente definidos pela desumanização das pessoas que a compõem. Em uma síntese de como o pensamento moderno entende as massas, Giner diz que:

Os seres humanos possuem duas naturezas, não uma. São responsáveis, têm intenções, interesses, raciocinam, amam-se ou odeiam-se, sempre segundo a sua consciência e as suas paixões, como indivíduos, mas também como membros da sua tribo, classe ou nação (...). Quando se unem a uma multidão, os homens fundem-se nela e deixam de ser o que são, entes autônomos. Num estádio, numa manifestação política, numa turba irada, numa multidão indignada, num público midiático, os homens perdem a capacidade de autonomia, responsabilidade e inclinação para pensar por conta própria que os caracteriza e faz deles humanos ou pessoas. As propriedades que os distinguem de todos os outros animais superiores esfumam-se nessa nova condição (GINER, 2013, p. 9).

A modernidade não perceberia um valor humano nas multidões, portanto. Embora os apontamentos de Giner esclareçam o olhar pouco elogioso do pensamento moderno para as massas, a perda total de identidade do indivíduo nelas deve, aqui, ser relativizada. A generalização sintetizada pelo autor pode ser questionada à luz, por exemplo, das diversas disputas por rumos a serem tomados em uma manifestação popular, que evidenciam a multiplicidade de pontos de vista em oposição a uma homogeneidade acachapante.

Prosseguindo, Giner situa as primeiras considerações a respeito das massas na era pré-industrial. *Behemoth*, artigo de Thomas Hobbes sobre as turbas populares, escrito durante a Revolução puritana inglesa, “inaugurou em pleno século XVII uma corrente de ideias, mas também de preconceitos que se intensificará com a tomada da Bastilha durante a Revolução Francesa” (GINER, 2013, p. 10). Os preconceitos a que se refere Giner ganham materialidade nos termos utilizados em referência à multidão: turba, malta, súcia e populaça, designam, segundo Raymond Williams, em suas *Palavras-chave*, uma aglomeração “baixa, ignorante, instável” (2007, p. 4). Massa é ainda um material

moldável, qualquer conjunto de materiais, algo sem forma, um agregado denso. Paralelamente, a expressão as massas é “um termo positivo para grande parte do pensamento socialista” (WILLIAMS, 2007, p. 260).

O elemento mais agradavelmente estimulante do complexo de massa e massas no uso contemporâneo são suas ativas conotações sociais antagônicas. Estar envolvido em trabalho de massas, pertencer a organizações de massa, valorizar manifestações de massa ou movimentos de massa, viver totalmente a serviço das massas são expressões de uma tradição revolucionária ativa. Mas estudar o gosto das massas, usar os meios de comunicação de massa, controlar um mercado de massa, dedicar-se à observação das massas, entender de psicologia das massas ou de opinião das massas são de uma tendência política e social totalmente oposta (WILLIAMS, 2007, p. 265).

Para Torres, as massas “são, como as duas caras do povo, a do ‘perigo’ e a da ‘possibilidade’” (2013, p. 346). Mas, no entendimento de Giner, ainda que as abordagens sobre a multidão tenham se diversificado em certas especializações como a política, a cultura e a psicologia de massas, “nenhum desses ramos chegou a libertar-se dos preconceitos e temores das grandes doutrinas anteriores (...). No fundo, até hoje, em pleno século XXI, parece que nos movemos dentro de um único paradigma, por muito que tenhamos enriquecido” (GINER, 2013, p. 11).

### **Encaminhamentos finais**

A identidade desejada pela massa militante é nenhuma; interessa a ação, o que ela é capaz de fazer. O apagamento das identidades nas aglomerações possibilita uma ação coletiva e sem estrelismo, conforme o fanzine associado às manifestações, mencionado no início deste artigo. Na tentativa de reposicionar o anonimato, deslocando-o da marginalidade para o centro da ação social, os manifestantes evocam a tradição socialista lembrada por Raymond Williams em suas *Palavras-chave*.

A imprensa de referência, por sua vez, nos exemplos brevemente estudados, ancorou sua abordagem em uma tradição de pensamento aparentemente mais robusta, sustentada há muito por uma minoria detentora do poder. Para ela, as

massas são ignóbeis e precisam ser contidas. Esse movimento se dá pela atribuição de identidades aos membros da massa, invertendo o que favorece a atitude criminosa segundo Coli: distinguíveis, os manifestantes tornam-se capturáveis e, assim, puníveis. Dessa maneira, Maycon Freitas e Mayara Vívian tornaram-se, pelo menos nos textos midiáticos abordados, líderes. O manifestante de rosto descoberto é metonímia da massa que deve se manifestar, conforme essa imprensa.

Ao mesmo tempo, a rejeição das massas e dos indivíduos anônimos gera outra reação: não necessariamente de torná-los visíveis, mas de criminalizá-los enquanto coisa oculta que pode representar um perigo. A mídia clássica cumpriu essa cartilha na cobertura dos protestos, empenhada na separação de manifestantes – pacíficos, ordeiros, legítimos – e vândalos – ocultos, desvirtuados, sem sintonia com as justas causas reivindicadas. O entendimento do sujeito anônimo como um criminoso em potencial é, ainda, atualizado.

Embora os desdobramentos políticos das jornadas de junho não constituam o escopo de análise deste artigo, é importante mencionar que, com a Copa do Mundo de Futebol de 2014, as investidas contra o anonimato dos manifestantes são cada vez mais intensas e ganham fundamentação jurídica: o uso de máscaras em protestos tem sido criminalizado em diversas cidades; com ele, o anonimato dos manifestantes.

## Referências

COLI, J. "Boulevard des Capucines e o crime metafísico". In: COLI, J. *O corpo da liberdade: reflexões sobre a pintura do século XIX*. Cosac Naify: São Paulo, 2010.

FREITAS, M. "A voz que emergiu das ruas". Entrevista concedida a Alvaro Leme. *Revista Veja*. São Paulo, 3 jul. 2013.

HANDFORD, M. *Onde está o Wally?* São Paulo: Martins Fontes, 2008.

MEGALE, B.; ARAGÃO, A. "O bloco do quebra-quebra". *Revista Veja*, São Paulo, ago. 2013. p. 73-79.

MORENO, A. C. "Rosto público do MPL, Mayara Vívian abraça a causa e evita fama pessoal". Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/06/rosto-publico-do-mpl-mayara-vivian-abraca-causa-e-evita-fama-pessoal.html>. Acessado em: 18 jul. 2013.

POE, E. A. "O homem da multidão". In: BAUDELAIRE, Charles. *O pintor da vida moderna*. Autêntica: São Paulo, 2010, p. 91-102.

QUE AS IDEIAS voltem a ser perigosas. Edição xerocada. Recife, 2013. Disponível em: <http://issuu.com/escritorazevedo/docs/zine1/8?e=0>. Acessado em: 02 mai. 2014.

TORRES, E. C. *A multidão e a televisão: representações contemporâneas da efervescência coletiva*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2013.

VEJA, edição 2328, 3 jul. 2013. São Paulo: Editora Abril, 2013.

WILLIAMS, R. *Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade*. São Paulo: Boitempo, 2007.

submetido em: 11 mar. 2014 | aprovado em: 11 abr. 2014